

1 INTRODUÇÃO

Só há dois poderes no mundo: o da espada e o do espírito.
A longo prazo, o espírito sempre derrota a espada.
[Napoleão BONAPARTE]

O máximo de consciência possível de cada época só pode ser alcançado pelo exercício
da autonomia do espírito.
[Joel Rufino dos SANTOS]

Esta tese não é uma monografia histórica ou historiográfica. Ainda que tenha pretendido, no correr de algumas de suas páginas, traçar um esboço histórico da produção literária da segunda metade do século XVIII, não me fixei na pintura deste quadro o bastante para que se pudesse vislumbrar nele traços mais generalizados e orgânicos desta época. A pintura que fiz concentrou-se antes em pontos específicos que aos poucos, com a leitura da bibliografia em que me fundamentei, foram ganhando interesse e consistência. É certo que alguns destes pontos são prévios àquela dedicação bibliográfica, e que com ela busquei apenas a caracterização de seus entornos, seus condicionamentos sociais, econômicos, ideológicos e culturais – o que não se pode dizer ser pouco. Assim como é certo também que a convivência com uma bibliografia em grande parte nova para mim trouxe inesperados interesses à idéia inicial desta monografia.¹

Nela o leitor não encontrará a relação minuciosa de letrados e poetas que viveram, agiram e produziram seus artefatos literários segundo as conveniências que vislumbraram ou conforme as contingências coativas a que estiveram submetidos. É grande o número de literatos, neste período, a firmar no papel a sua letra – e com ela conformaram parte do pensamento político e cultural da América Portuguesa. E apesar das sobrecarregadas convenções literárias a planificar muitos deles segundo o molde de um mesmo espírito, as individualidades de cada um, em condições por

¹ Claude-Adrien Helvétius lembrava que somos “discípulos dos amigos, parentes, leituras e, enfim, de todos os objetos que nos rodeiam”. A concepção deste trabalho não contraria a lembrança de Helvétius (HELVÉTIUS, 1979, p. 190).

vezes bastante diversas, se divisa na singularidade de produções particulares. Esta diversidade (pífia se comparada à produção literária de cem anos depois) não foi aqui contemplada em seus detalhes. Dela retirei uns poucos nomes com que pude desenvolver as considerações que a mim interessavam, sem com isso restringir-me a um grupo homogêneo.

Não é também esta uma monografia historiográfica, a despeito de ter eu dedicado algumas rápidas digressões sobre historiadores que analisaram o momento de que me ocupo. Este campo é por demais novo para mim, e como tal ainda salpicado de pontos obscuros. Afora os títulos referentes à história das literaturas brasileira e portuguesa, até então pouca coisa me passara diante dos olhos antes do surgimento de idéias para este trabalho. A perspectiva histórica e historiográfica para estudos de literatura me apresentou, no entanto, possibilidades novas de atualizar saberes para a crítica de (des)conhecimentos de tempos atuais. A forte carga de *filosofismo* que hoje marca a produção acadêmica de departamentos de letras parece apagar muitas das condições materiais da criação literária, sem as quais a literatura se torna um saber que não logra ultrapassar a simples auto-referência.²

Portanto, pretendi que essa tese se fundamentasse em um estudo materialista de parte da produção literária da segunda metade do Setecentos luso-brasileiro. Para isso, procurei perceber as conexões que ligavam a produção intelectual da época com a organização econômica e com a cultura política que ambientaram a criação e a recepção literárias. Essas conexões propiciaram uma compreensão de continuidades culturais históricas, o que definitivamente afasta a aparência de letra morta com que se convencionou divisar a literatura daqueles dias: parte de seu espírito ainda vigora em formas e conceitos com os quais convivemos. Entre o exuberante momento em que o Barroco dominou a cena cultural e o instante revolucionário do Romantismo,

² O *filosofismo* é marca do que já foi apontado como uma das evoluções dos *cultural studies*, a “evolução exegetica. Aproximando-se nisso da filosofia e dando cada vez maior lugar ao comentário de obras filosóficas (...), grande parte da produção [de revistas vinculadas aos estudos culturais] consiste em um trabalho de glosa dos autores e de seus conceitos, cada vez mais desconectado de um campo preciso” (MATTELART, 2004, p. 161).

restariam modos mais moderados e persistentes da convivência entre poesia e política.³

Nós é que somos cegos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

(GONZAGA, 1996, p. 662)

O *espírito europeu* a que faço referência no título desta tese não designa alguma entidade metafísica.⁴ Ainda que imaterial, se expressa ele na fatura de leis e de composições literárias. Ganha contorno nas ações administrativas que caracterizam um Estado e no pensamento político que se relaciona com elas. É força que domina governos e populações, assim como a imposta pela espada. Na história de povos e territórios originalmente constituídos sob o signo da colonização, a força do espírito empenha-se na manutenção de condições para a submissão cultural e econômica. Lutar pela *autonomia do espírito* é algo válido e mesmo necessário. “O problema da independência não era a mudança de formas, senão a mudança de espírito” – já revelara José Martí. No Brasil, homens que passaram pelas letras e pela política pareceram constantemente esquecer do *problema do espírito*, e houve entre eles quem dissesse:

O *espírito humano*, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico; o Novo Mundo, para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão, em que aquele espírito se sente tão longe das suas reminiscências, das suas associações de idéias, como se o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e ele devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo o que aprendeu sob o céu da Ática... (NABUCO, s/d, p. 41)⁵

³ Remeto mais uma vez a Helvétius, pensador materialista um tanto esquecido, quando dizia: “É por usurpações hereditárias que somos governados” (HELVÉTIUS, 1979, p. 166).

⁴ Em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, Max Weber indica um caminho interessante para a definição de “*espírito*”: “Se é que é possível encontrar um objeto que dê algum sentido ao emprego dessa designação, ela só pode ser uma ‘*individualidade histórica*’, isto é, um complexo de conexões que se dão na realidade histórica” (WEBER, 2004, p. 41).

⁵ José Martí empresta-me boa resposta para Nabuco: “La historia de América, de los incas acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia” (MARTÍ, 1978, p. 127).

Com *letra americana* cogitei designar genericamente a literatura produzida na América Portuguesa no final do século XVIII. Através dela procurei perceber as incidências do *espírito europeu* em nossa cultura colonial. O pensamento político, que dispõe expressões também na poesia e na novela, torna-se mais nítido se o percebemos vinculado à *imaginação européia*. E muitos dos homens de letras brasileiros que estiveram em convívio íntimo com a nossa política ostentaram não apenas uma *imaginação*, mas também a *inteligência* e o *sentimento europeus*. Nosso pensamento político, portanto, não poderia conquistar qualquer *autonomia do espírito* naqueles dias – situação que se estenderia por séculos adiante. Um pensador brasileiro, escrevendo nas primeiras décadas do século XX, perceberia os vínculos entre *letra americana* e *espírito europeu*:

Todos os chamados movimentos de opinião, como todas as rebeliões imprevistas, que aqui se formam, exprimem e resumem sempre idéias e doutrinas estrangeiras [...]. Criações exclusivas de filósofos, de doutrinadores, de letrados, em cuja formação mental não colaboram as influências do meio nacional, o campo da sua ação fica restrito, por sua própria natureza, às altas regiões do pensamento e da palavra: às cátedras das academias, às colunas do jornalismo, às páginas da publicística, à tribuna das conferências, à eloquência dos grandes oradores, às rimas dos grandes poetas – todos iluminados ao clarão de idéias elaboradas em climas diferentes do nosso; todos inteiramente alheios às realidades dos nossos problemas americanos (VIANA, 2005, p. 390).⁶

⁶ A presença de Oliveira Viana aqui, como a de outros autores adiante, não indica adesão a seu pensamento. Aproveitei dele apenas a expressão clara de boa parte do problema de que me ocupo.